

## 1. CONDIÇÃO HUMANA.

### Sobre o MITO DE PROMETEU

Equilibrando-se perigosamente entre a euforia da descoberta do fogo e as inclementes e entediantes viagens que os nômades enfrentavam para continuar a viver é que nasceu a tecnologia. A capacidade tecnológica do homem vem de tempos imemoriais, de tal maneira que se criou um mito para acomodar e explicar a ansiedade de não se saber como teria começado a aventura tecnológica sobre a face da terra. Esse mito é o de Prometeu, que roubou o fogo dos deuses para dá-lo aos homens. O fogo teria dado ao homem a capacidade de fazer ferramentas e armas e de cunhar moedas para facilitar as transações comerciais.

Hesíodo narra nos versos 510 a 516 na *Teogonia* como foi o aparecimento de Prometeu e seu irmão Epimeteu na constelação mitológica do Olimpo. Prometeu era filho de Jápeto, um titã irmão de Zeus, relação que estabelece que Prometeu e Zeus eram primos. O nome Prometeu é composto do prefixo grego *pro* (προ = antes) e da palavra *manthano* (μανθάνω = aprender), ou seja, Prometeu é o providente, aquele que sabe das coisas antes que elas aconteçam. O irmão, Epimeteu, tinha a característica oposta, uma vez que o prefixo *epi* (ἐπί = depois) dava uma conotação de que Epimeteu só viria a ter conhecimento da questão depois de ocorrido o fato. A esses dois irmãos foi dada a tarefa de criar os homens e os animais.

Para esse fim existiam vários recursos, mas cada um deles poderia ser usado uma única vez. Sem o menor planejamento, Epimeteu foi criando os animais dotando cada um de uma característica. Para uns, deu garras afiadas, para outros, uma carapaça protetora, outros ainda ficaram donos de uma força descomunal e assim foram se esvaindo os recursos para dotar o homem de proteção contra as dificuldades da Natureza. Quando chegou a vez de criar o homem, já não havia quase mais nada para lhe atribuir como proteção e ele acabou sendo dotado de características especiais, como o fato de poder olhar para o alto. Enquanto os outros animais caminhavam olhando para o chão, o homem poderia contemplar as estrelas. Apesar disso, no lugar da inteligência tinha somente o fantasma dos sonhos. Prometeu, então, afronta definitivamente o todo poderoso deus dos deuses, acende uma fôrula (bastão oco) no fogo divino do sol, uma representação simbólica da inteligência, e o entrega aos homens:

Porém o enganou o bravo filho de Jápeto:  
furtou o brilho longevísivel do infatigável fogo  
em oca fôrula; mordeu fundo o ânimo  
a Zeus tonítuo e enraivou seu coração  
ver entre homens o brilho longevísivel do fogo.  
(Hesíodo, 1995, p. 105)

O coração enraivecido de Zeus criou uma vingança contra Prometeu e outra vingança contra os homens. O suplício de Prometeu foi padecer amarrado ao monte Cáucaso e uma águia vinha todo dia comer um pedaço do seu fígado. À noite, o órgão se regenerava e no dia seguinte a águia devorava novamente o fígado do filho de Jápeto.

(...)Assim, de uma só vez, num único mito, foram dadas ao Homem duas coisas que ele não conhecia: a tecnologia e a angústia. Desde então, ele tem excedido o uso de uma para aplacar os efeitos da outra.

Para compensar o fato de o ser humano ser o lado mais fraco da criação, foi-lhe dado o medo, concretizado no temor frente às tempestades e a ameaça de morte no enfrentamento dos animais ferozes. Aos poucos, as soluções místicas foram dando espaço aos conhecimentos e a forma de potencializar sua limitada força era construindo ferramentas – a alavanca dava mais potência ao seu braço, o arado revolvía rapidamente a terra para o plantio e a necessidade de deslocar-se rapidamente era suprida com a invenção da roda. Eugênio Benito Júnior\*[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100011)